



“ O Senhor é o meu  
pastor  
e Ele sabe que eu sou  
gay ”

Igrejas inclusivas  
em uma metrópole brasileira

Copyright © 2019, Metanoia Editora

**Editora**

Léa Carvalho

**Capa**

Léo Rossetti

**Projeto gráfico**

MaLu Santos

**Revisão**

Bruna Gama

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
DE ACORDO COM ISBD

---

S586s      Silva, Luiz Gustavo

O Senhor é o meu pastor e Ele sabe que eu sou gay: Igrejas inclusivas em uma metrópole brasileira / Luiz Gustavo Silva. - Rio de Janeiro, RJ : Metanoia, 2019.

112p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978859475-082-2

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Religião. 4. Teologia inclusiva. 5. Teologia Queer. 6. Cristianismo. I. Título

2019-1477

CDD: 306.43

CDU: 316.7

---

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1.Gênero : Sexualidade 306.43

2.Gênero : Sexualidade 316.7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora poderá ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados.

Metanoia  
EDITORA

[www.metanoiaeditora.com](http://www.metanoiaeditora.com)

Rua Santiago, 319/102 - Penha

Rio de Janeiro - RJ - Cep: 21020-400

[faleconosco@metanoiaeditora.com](mailto:faleconosco@metanoiaeditora.com)

21 3851-5845 |  21 96478-5384

Associada:

Liga Brasileira de Editoras - [www.libre.org.br](http://www.libre.org.br)

Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) - [www.snel.org.br](http://www.snel.org.br)

Impresso no Brasil

*Às pessoas lésbicas, gays,  
bissexuais e transgêneras cristãs*



# Agradecimentos

À PUC-Rio e à CAPES, que viabilizaram o curso de mestrado e a pesquisa que deu origem a este livro.

Aos irmãos jesuítas e à Companhia de Jesus, pelo seu incansável trabalho de excelência na educação superior no Brasil e no mundo.

À minha orientadora, professora Sonia Maria Giacomini, pelo trabalho professoral dedicado e zeloso que colocou esta pesquisa no rumo certo.

Aos professores, alunos e funcionários do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

À amiga Bruna Gama, pelo voluntário trabalho profissional de revisão gramatical deste trabalho.

Aos meus familiares, amigos e irmãos de fé, por serem sempre um abrigo em meio ao temporal.

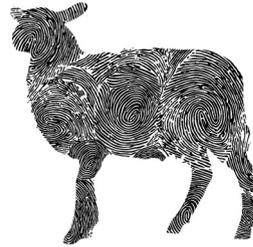
Por fim, ao meu companheiro, Léo Rosetti, pelas inúmeras contribuições a este trabalho.



*O senhor é meu pastor e ele sabe que sou gay.*

Reverendo Dr. Troy Perry  
fundador da MCC Church

# SUMÁRIO



## **INTRODUÇÃO, 10**

### **CAPÍTULO 1 - Igrejas Inclusivas: aspectos gerais, 16**

Surgimento das igrejas Inclusivas, 17

Contexto histórico, 18

“Textos de terror” e criação de identidades coletivas, 22

O advento da AIDS, 28

Surgimento das Igrejas Inclusivas no Brasil, 30

A Igreja da Comunidade Metropolitana  
e a Comunidade Cidade de Refúgio, 36

### **CAPÍTULO 2 - A Comunidade Cidade de Refúgio**

Nascimento da Comunidade Cidade de Refúgio, 41

Templo, culto e adesão doutrinária, 43

    O primeiro culto, 47

As pastoras Lana e Rosania: binarismo  
de gênero em performance, 52

Uma liturgia (neo)pentecostal inclusiva, 56

Sexualidade e moralidade pentecostal:  
“sexo só depois do casamento”?, 59

Um culto LGBT de “casais e da família”, 64

Considerações sobre a Comunidade Cidade de Refúgio, 68

### **CAPÍTULO 3 - A Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**

Nascimento da Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo, 71

Templo, culto e adesão doutrinária, 74

Um culto “trans”, 80

Performances públicas de gênero entre as lideranças, 85

Drag quens no altar: performatividade de gênero no ritual religioso, 88

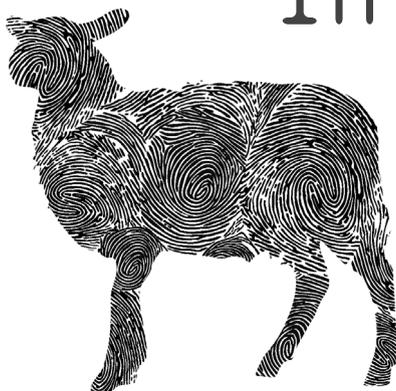
Sexualidade e moralidade na ICM: “O promíscuo é aquele que faz mais sexo que o invejoso”, 94

Considerações sobre a Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo, 98

**CONCLUSÃO, 100**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 106**

# Introdução



As chamadas igrejas inclusivas – popularmente conhecidas como “igrejas gays” – surgiram nos EUA no final dos anos 1960 através da *Metropolitan Community Church*, sob a liderança do pastor pentecostal Rev. Troy Perry<sup>1</sup>. No Brasil emergiram a partir de meados dos anos 1990, de forma incipiente, e de maneira mais organizada a partir do início dos anos 2000 (NATIVIDADE, 2008). São igrejas protestantes<sup>2</sup>, ou evangélicas, formadas em sua maioria por LGBTs e cujo discurso é voltado para a atração deste público, propondo uma reinterpretação do cristianismo, de maneira geral, e do protestantismo, de maneira particular, que vai além da proposição de uma releitura dos textos sagrados, visando a inclusão de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT), não somente nas fileiras das comunidades religiosas, mas também em suas lideranças.

A emergência das igrejas inclusivas no Brasil, de alguma forma, alterou o cenário religioso protestante no país. Ainda que minoritários dentro do protestantismo, estes grupos ganharam visibilidade através de suas performances e de sua militância pela inclusão de LGBTs nas igrejas cristãs, levantando a bandeira da cidadania de LGBTs no cenário nacional. A existência das igrejas inclusivas, em um cenário protestante hegemônico hostil aos LGBTs e à diversidade sexual, altera o cenário religioso, ao agregar em seu seio, a disputa em torno do sentido da homossexualidade, da identidade de gênero e mesmo do ser cristão.

Como pessoa que adere à fé cristã protestante, e gay, tenho interesse em compreender as dinâmicas internas existentes entre as igrejas inclusivas, e a oportunidade de estudar duas igrejas inclusivas no Brasil se apresenta como muito atraente. Principalmente a reflexão sobre as posturas em relação às questões de gênero e sexualidade, suas rupturas e permanências em relação ao discurso protestante hegemônico no Brasil, suas divergências e conflitos públicos, foram uma forte motivação para a realização desta pesquisa.

---

1. A frase título desta pesquisa, “O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”, é a tradução para o português de um conhecido jargão do Rev. Troy Perry e título de sua autobiografia, “The Lord Is My Shepherd and He Knows I’m Gay: The Autobiography of the Reverend Troy D. Perry”, publicada em 1987 nos EUA.

2. Embora algumas igrejas chamadas inclusivas possuam liturgia de aparência católica romana, a grande maioria delas se identifica como protestante ou evangélica. A Igreja Católica Apostólica Romana não reconhece nenhuma igreja autodenominada inclusiva, ainda que esta se utilize do credo e da cosmologia religiosa católico romana.

O interesse pelas pesquisas no campo da religião se fez presente desde o bacharelado em História (UERJ, 2013) quando foi abordado o tema do conflito religioso e a consolidação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) como maior e principal grupo neopentecostal no país, em uma monografia cujo título foi: “O chute e a santa: o conflito religioso entre o neopentecostalismo e o catolicismo romano em 1995”.

Neste livro são analisadas duas comunidades religiosas na cidade de São Paulo, localizadas no bairro de Santa Cecília, na região central da cidade: *A Comunidade Cidade de Refúgio*, liderada pela pastora lésbica Lana Holder, e a *Igreja da Comunidade Metropolitana*, liderada pelo pastor gay Cristiano Valério, realizando uma etnografia comparativa entre as duas.<sup>3</sup>

A escolha das duas igrejas localizadas na cidade de São Paulo se deu visando-se facilitar um maior afastamento espacial e mesmo emocional, uma vez que sou filiado a uma igreja inclusiva, a Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro, onde sirvo como oficial e seminarista. Não se pretendeu com isso buscar uma suposta completa isenção ou imparcialidade epistemológica – ciente de que as Ciências Sociais, há algum tempo, abandonaram a ilusão da isenção e da imparcialidade. Todavia, esta etnografia foi construída a partir da observância de princípios éticos, buscando-se sempre a honestidade científica como norteamento do trabalho.

*A Comunidade Cidade de Refúgio* e a *Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*, embora sendo ambas “inclusivas”, divergem, no entanto, em suas interpretações cosmológicas da vida religiosa e das experiências sexuais e de gênero. A primeira caracteriza-se como uma comunidade religiosa pentecostal (com valorização dos chamados dons espirituais, tais como as “línguas estranhas”), com forte presença de elementos do neopentecostalismo, com adesão à teologia da prosperidade<sup>4</sup>, e com uma alta rigidez discursiva em relação à moral sexual e aos costumes de seus membros. A segunda, de maneira diferente, posiciona-se como uma igreja de traços protestantes históricos tradicionais, mesclada com elementos

3. Nesta pesquisa serão utilizados os nomes verdadeiros das lideranças (pastores e diáconos) e ocultados os nomes dos membros comuns e frequentadores das igrejas.

4. Uma conceitualização da chamada Teologia da Prosperidade, feita por Ricardo Mariano: “A Teologia da Prosperidade” consta entre as principais mudanças doutrinárias e axiológicas ocorridas no chamado neopentecostalismo, vertente pentecostal encabeçada pela controversa Igreja Universal do Reino de Deus. Defendendo que os cristãos, enquanto sócios de Deus ou financiadores da obra divina, estão destinados a serem prósperos, saudáveis, felizes e vitoriosos em todos os seus empreendimentos, esta teologia, oriunda dos EUA, derruba por terra o velho ascetismo pentecostal, prejudica a imagem pública deste grupo religioso e concorre para pôr em xeque a tese que vê afinidades entre o pentecostalismo e o “espírito do capitalismo.” (MARIANO, 1996).

litúrgicos do catolicismo romano, e cujo discurso em relação à moral sexual e aos costumes de seus membros é aparentemente “liberal” e tolerante. Essa divergência de posturas institucionais faz surgir atritos e divergências, nem sempre explícitas, mas perceptíveis nos discursos das pessoas afiliadas a estas agremiações religiosas. Mesmo atuando no mesmo campo, tais igrejas operam uma clara oposição discursiva e em uma disputa pelo sentido da teologia e da eclesiologia LGBT cristã. A disputa discursiva atravessa também as questões do gênero, da sexualidade, dos comportamentos sexuais e dos códigos religiosos. As proximidades e distanciamentos simbólicos entre estes dois grupos religiosos protestantes formados em sua maioria por LGBTs, serão aqui discutidos a partir de suas próprias configurações e através de uma perspectiva comparativa.

Utilizo-me neste livro dos conceitos de *performance* e *teatralidade* em relação aos serviços religiosos das duas igrejas, a partir de Richard Schechner (in: LIGIERO, 2012), interpretando seus rituais de culto como apresentações repletas de teatralidade e mesmo de *carnevalidade*. Na mesma linha, trabalho com os conceitos de performance de gênero, a partir de Judith Butler (2001), interpretando as performances rituais como reiteraões ou como rejeições aos papéis definidos dos gêneros e aos “padrões” das sexualidades.

A análise dos rituais dos cultos religiosos e do transformismo das *drag queens* ligadas a estas igrejas é realizada a partir das teorias de Victor Turner (1974), interpretando o *transformismo*, assim como os serviços de cultos, como processos rituais onde opera a *liminaridade* e a aparente suspensão temporária das normas sociais e dos gêneros. É nos períodos de êxtase dos rituais destas comunidades religiosas que pode-se observar as transformações solicitadas pelas ideologias destes grupos.

A análise das corporeidades presentes no ritual, e fora dele, é realizada a partir de Thomas Csordas, interpretando o culto das duas igrejas como rituais de “cura”, não exatamente das sexualidades dissidentes, mas dos processos de autorrejeição e do que chamam de “homofobia internalizada”.

Foram realizadas etnografias e entrevistas, tendo sido coletados dados através das metodologias da *observação participante* nas comunidades religiosas, em seus ritos, festas e eventos; onze *entrevistas*<sup>5</sup>, associadas à

5. A listagem completa das entrevistas, com os nomes reais ou fictícios dos entrevistados, encontra-se ao final deste trabalho, nas Referências Bibliográficas. Trechos importantes das entrevistas foram transcritos aqui. O conteúdo completo das entrevistas realizadas por escrito ou pessoalmente, encontra-se em posse do autor, através de arquivos de gravação de áudio ou de texto, assim como as respectivas autorizações pessoais de cada entrevistado para a publicação do conteúdo exposto.

metodologia da *história oral* (entrecruzando criticamente o documento histórico oral com as histórias oficiais) a fim de entender o processo histórico de formação das duas comunidades. Tais *entrevistas* permitiram também analisar trajetórias e a agência individual no processo de formação e composição das comunidades religiosas. As conversas pessoais informais e entrevistas escritas, formais e informais, via redes sociais (Facebook e WhatsApp), além do acompanhamento das mídias sociais das igrejas pesquisadas (Site, Facebook, Twitter, Instagram), forneceram dados importantes para a construção desta etnografia. Entre os entrevistados pessoalmente na sede das respectivas igrejas estão o Rev. Cristiano Valério, da ICM de São Paulo, e o Pr. Thiago Carlos, da Comunidade Cidade de Refúgio.<sup>6</sup>

Com uma abordagem comparativa das duas igrejas inclusivas, Comunidade Cidade de Refúgio e Igreja da Comunidade Metropolitana, foram analisadas as semelhanças e diferenças nos rituais, nas cosmologias (e teologias), na performatização dos gêneros e das sexualidades, dentro e fora dos rituais, além da observação de possíveis conflitos e as divergências entre as duas e com o protestantismo hegemônico.

---

6. Tentou-se, durante todo o processo de construção deste trabalho, entrevistar as pastoras Lana Holder e Rosania Rocha. Diversos agendamentos para realização da entrevista foram realizados através da secretaria da Comunidade Cidade de Refúgio, sem obter sucesso. Algumas respostas foram dadas em relação à solicitação, dentre elas a que afirmava que as pastoras não estavam disponíveis para entrevistas para “trabalhos universitários”. Após um encontro casual na cidade de São Paulo com as pastoras, foi-me concedida a possibilidade de uma entrevista pessoal com as mesmas, em dia e data previamente combinados neste encontro. No dia agendado para a entrevista, esperei durante três horas em frente ao “gabinete pastoral”, onde as pastoras realizavam diversos aconselhamentos individuais de membros da comunidade religiosa. A entrevista não ocorreu e, após estas tentativas frustradas, em uma conversa via chat do Facebook, a pastora Rosania Rocha me ofereceu a possibilidade de entrevistar o Pr. Thiago Carlos, auxiliar do pastorado da igreja. Desta vez a entrevista ocorreu conforme combinado. Consegui depois uma entrevista curtíssima com a pastora Rosania Rocha, via chat de Facebook, onde ela falou em um parágrafo sobre sua espiritualidade pentecostal. A transcrição desta conversa encontra-se no capítulo terceiro deste trabalho, que trata da etnografia da Comunidade Cidade de Refúgio.

# Capítulo 1

Igrejas *Inclusivas*:

aspectos gerais



Já dissemos que as chamadas igrejas inclusivas são comunidades religiosas cristãs que contam com uma maioria de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (travestis, transexuais etc) entre seus adeptos e lideranças. *Igreja Inclusiva* é uma autonegação. O nome *igreja inclusiva* atua como categoria política de identificação em confronto com o que seriam, por oposição, as igrejas consideradas “exclusivas”, que não aceitam em suas fileiras pessoas LGBTs. Aliás, o surgimento destas igrejas no cenário religioso do Ocidente está diretamente ligado à recusa das igrejas tradicionais em aceitar LGBTs entre seus fiéis e líderes. As igrejas inclusivas – protestantes em sua maioria – surgem como alternativa aos LGBTs cristãos para a filiação religiosa em um cenário hostil à sua presença.

Este capítulo representa um esforço de contextualização das igrejas que são analisadas neste estudo e abordará inicialmente o surgimento das chamadas igrejas inclusivas nos Estados Unidos da América, o contexto histórico que permitiu o seu surgimento, a formação de suas identidades coletivas, conectadas à defesa dos direitos dos LGBTs no cenário de erupção da epidemia de HIV-AIDS nos EUA e no mundo. Enfocará também a chegada do chamado movimento inclusivo ao Brasil, preparando o caminho para introduzir as etnografias que serão apresentadas nos capítulos seguintes, trazendo a realidade das duas igrejas pesquisadas neste trabalho: a Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo e a Comunidade Cidade de Refúgio, também na capital paulista. São de suma importância a compreensão e abordagem dos aspectos sociais gerais do tempo histórico de surgimento deste movimento religioso, para melhor compreensão do trabalho aqui apresentado.

## SURGIMENTO DAS IGREJAS INCLUSIVAS



Rev. Troy Perry realizando um casamento gay no início dos anos 1970<sup>1</sup>

A *Metropolitan Community Church (MCC)*<sup>2</sup>, surgida no final de 1968 nos Estados Unidos da América, é a primeira organização religiosa cristã assumidamente “gay”.<sup>3</sup> Seu fundador, o Reverendo Troy Perry, um jovem pastor pentecostal, após uma malsucedida tentativa de suicídio, devido à não aceitação de sua própria homossexualidade, decidiu congregar LGBTs cristãos em sua própria casa. Perry anunciou na conhecida revista gay *The Advocate*<sup>4</sup> a realização de um culto cristão voltado para as pessoas LGBTs. No dia marcado compareceram doze pessoas. Estava fundada a primeira organização religiosa cristã “gay” do mundo contemporâneo.

1. <http://mccchurch.org/overview/history-of-mcc/mcc-and-marriage-equality/> Acessado em 22/12/2016 às 4:40

2. Registrada no Brasil *Igreja da Comunidade Metropolitana*. O nome da denominação religiosa possui um significado bastante particular segundo explica seu fundador, Reverendo Troy Perry, no documentário “Call Me Troy”: A igreja é da *comunidade*, no sentido que é direcionada para a *comunidade gay* (ou LGBT); e metropolitana, pois nasce em uma metrópole, a cidade de Los Angeles, e seu alcance foi inicialmente entre as grandes metrópoles americanas, como Nova Iorque, Detroit, Dallas, São Francisco etc. O documentário está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4eCaJ-xs3Xo>, Acessado em 30/12/2016, às 19:30.

3. No contexto de seu surgimento, no final dos anos 1960, a igreja se identificava explicitamente como uma igreja para os “gays”. A categoria “gay” naquele contexto incluía as demais siglas do movimento LGBT. Após os anos 1990, através das lutas pelo reconhecimento das diferenças entre as identidades de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e demais identidades sexuais e de gênero, é que a igreja começou a se identificar como uma igreja direcionada aos “LGBTs” e não mais aos “gays”.

4. A revista existe até os dias de hoje em versão digital e o Rev. Troy Perry é um dos colonistas: <http://www.advocate.com/troy-perry> Acessado em 01 de Agosto de 2015, às 21:50.

Será que a agência de um único indivíduo seria capaz de fazer nascer um movimento religioso que se espalharia por todo o mundo, desconsiderando as ações coletivas e as conjunturas históricas e sociais do Ocidente, de maneira geral, e dos Estados Unidos, em particular, no final dos anos 1960? Obviamente que não. A agência e ação do jovem pastor pentecostal é uma realidade histórica imbricada à estrutura social de sua própria sociedade e período histórico. O contexto histórico e social dos Estados Unidos no final dos anos 1960, especificamente na progressista cidade de Los Angeles (Califórnia), montava o cenário ideal para o desenrolar dos acontecimentos que favoreceriam o nascimento de um movimento militante e ativista como o de cristãos *gays*<sup>5</sup>. Todavia, não se pode desconsiderar a importância da ação individual, conectada com a estrutura social neste caso específico. Perry, dentro de uma determinada estrutura social, conseguiu liderar um grupo de pessoas que pensava igual a ele, operando algumas rupturas com a institucionalidade cristã tradicional, apesar das muitas permanências relacionadas à adesão à fé cristã protestante.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Os anos 1960 são a década da erupção das lutas pelas conquistas feministas, com emblemas marcantes deste período, como a propagação do uso da pílula anticoncepcional (criada na década anterior), das lutas pelo direito ao divórcio, ao aborto e ao uso do próprio corpo, mas “o amor e o casamento, porém, ainda não se dissociam, pois a sexualidade continua vinculada à procriação” (PROST, In ARIÈS&DUBY, 2009, p.77). Grupos organizados de mulheres, em sua maioria brancas e de classe média, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, vão às ruas em busca do reconhecimento de seus direitos e de sua cidadania. Se referindo à França, o historiador Antoine Prost (2009, p.77), assim se pronuncia:

O feminismo encontra uma nova repercussão, amplificada pelos acontecimentos de 1968. O movimento pela contracepção assume outro sentido: com o “planejamento familiar”, ele desenvolve os temas do controle da natalidade e das consequências nefastas

---

5. Uso “gay” aqui, e em outros locais deste trabalho, como sinônimo de LGBT. Como já referido anteriormente, no período histórico do surgimento das igrejas “gays” nos Estados Unidos da América era comum a associação do termo “gay” não somente a homens homossexuais, mas também a lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros.

da gravidez indesejada: é a exposição de motivos da Lei Neuwirth (1967). Alguns anos depois, para obter a legalização do aborto, formalizada pela Lei Veil (1975), invoca-se o direito das mulheres de dispor de seus corpos: “É meu corpo, e faço com ele o que eu quiser”. À maternidade voluntária segue-se a “liberalização” da mulher. A contracepção feminina nesse contexto, e a sexualidade se dissocia da procriação.

É este também um tempo de questionamentos de hierarquias, instituições e dos papéis sociais tradicionalmente definidos entre homens e mulheres, sobretudo na divisão do trabalho e no ambiente familiar. Os jovens dos anos sessenta, inicialmente norte-americanos ou da Europa Ocidental, foram questionadores do patriarcalismo, dos papéis sociais definidos entre os gêneros, dos rígidos códigos comportamentais e de vestuário existentes entre o homem e a mulher tradicionais.

A juventude está em marcha na França, nos Estados Unidos e nos demais países do então chamado Primeiro Mundo, questionando os valores tradicionais, os sistemas políticos e econômicos então vigentes, as guerras pelo mundo afora. Na França os jovens vão para as ruas em maio de 1968, unindo-se aos movimentos sindicalistas e operários, reivindicando seu direito à educação, aos demais direitos sociais e questionando os valores tradicionais da sociedade francesa (HOBSBAWN, 1985). Nos Estados Unidos se espalharam inúmeras manifestações e movimentos de jovens contra a Guerra do Vietnã e contra o recrutamento compulsório de jovens para tal fim (IDEM, 1994). Também a resistência e o ativismo contra a segregação e discriminação dos negros toma conta de todos os Estados Unidos, e um pastor negro, Martin Luther King Jr., é o líder dessas manifestações. Luther King foi assassinado no fatídico ano de 1968.

Um ano após o assassinato de Luther King, ocorre a conhecida *Revolta de Stonewall*, em Nova Iorque em 1969, como resposta à insistente violência policial contra os gays e as travestis frequentadores do bar *Stonewall Inn*.<sup>6</sup> Muito próximo à Revolta de Stonewall surge a *Metropolitan Community*

6. Frequentadores do bar Stonewall Inn, na cidade de Nova Iorque, após insistente assédio e violência policial, reagiram também de maneira violenta. Este evento foi escolhido pelos movimentos LGBTs organizados como o marco fundador de tais movimentos, conforme nos relatam Peter Fry e Edward MacRae (1983, p?): “O que parece ter marcado o nascimento deste grupo foi a “Rebelião de Stonewall”, que é para o movimento homossexual algo parecido com a tomada da Bastilha para a Revolução Francesa. Na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o “gueto” homossexual de Nova York”.

*Church* (MCC), em meio a um contexto em que a sexualidade homoerótica ganhava novo significado nestes novos ares dos anos 1960, apesar da permanência de grande resistência social e preconceito para com as pessoas LGBTs. Neste sentido, Hobsbawm (1994, p. 327), a respeito das mudanças comportamentais, incluindo o comportamento sexual, nos diz que,

O recém ampliado campo de comportamento publicamente aceitável, incluindo o sexual, na certa aumentou a experimentação e a frequência de comportamento até então considerado inaceitável ou desviante, e, sem dúvida, aumentou sua visibilidade. Assim, nos EUA, o surgimento público de uma subcultura homossexual abertamente praticada, mesmo nas duas cidades que determinavam tendências, San Francisco e Nova York, e se influenciavam uma à outra, só ocorreu quando já bem avançados os anos 60, e sua influência como grupo de pressão política só nos anos 70... Contudo, o grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam.

No campo político, este é o auge da Guerra Fria e de extrema tensão entre os Estados Unidos e a extinta União Soviética por conta da chamada “crise dos mísseis” (GOTT, 2006). É neste cenário que se descortinam os primeiros passos do chamado movimento cristão inclusivo, ou das *inclusive churches*. O cenário de questionamentos do status quo, das hierarquias e das tradições, pavimentou o caminho para o surgimento deste movimento questionador das interpretações das teologias cristãs tradicionais que negavam o acesso dos LGBTs aos ritos das igrejas tradicionais (como o batismo, matrimônio etc). O movimento das chamadas igrejas inclusivas tem início alguns meses antes do advento de Stonewall, ambos os eventos estando localizados em um mesmo cenário histórico e frutos de uma mesmíssima conjuntura social. Ambos se organizam em contraposição à hostilidade da sociedade urbana americana e das igrejas cristãs (protestantes ou católicas) em relação às lésbicas, gays, bissexuais, travestis e outras minorias sexuais e sob o impulso da revolução sexual e do lema “é proibido proibir”, que marca 1968 e que divulga pelo mundo mensagens libertárias e transgressoras. O pesado cacete da polícia nova-iorquina obteve enorme êxito – sem desconsiderar outros fatores integrantes do contexto histórico – em gerar reação e unidade da comunidade gay em prol de sua própria

## LEIA TAMBÉM DO MESMO AUTOR:



Este livro desvela o conflito religioso, há muito presente no Brasil, através de um episódio ocorrido em outubro de 1995 e que ficou conhecido como “O Chute da Santa”. Nos ajuda a compreender mais a fundo o que se encena atualmente no palco político brasileiro – a luta pelo poder que ameaça a laicidade do Estado brasileiro e que compromete as minorias sociais no país, suas lutas e conquistas



Este livro foi composto nas famílias tipográficas:  
Adobe Garamond e BTypewrite, papel alta alvura 75g  
primavera de 2019